



Adolescências e saúde mental: um diálogo a partir da estratégia do cine debate

Rafaela Mancini Fabi

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0009-0005-6591-3569>

Danieli Amanda Gasparini

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5806-1389>

Maria Fernanda Barboza Cid

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0199-0670>

Introdução

O fenômeno da adolescência não deve ser considerado apenas a partir de dimensões biológicas. Trata-se de um processo dinâmico que acompanha mudanças históricas, sociais, políticas e culturais em que os sujeitos estão inseridos. Por isso, aqui, considera-se a possibilidade de múltiplas formas de ser adolescente (GASPARINI, 2022; OZELLA; AGUIAR, 2008; MOREIRA; ROSÁRIO; SANTOS, 2011).

A literatura, cada vez mais, aponta para necessidade de ações de promoção à saúde mental de adolescentes, na medida em que pesquisas indicam altos índices de sofrimento psíquico nesta população. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2022), o suicídio é uma das principais causas de morte em pessoas entre 15 e 19 anos. Além disso, 14% dos/as adolescentes do mundo todo apresentam algum transtorno mental. A pandemia da covid-19, por exemplo, impactou negativamente o cotidiano dessa população, por conta da limitação do convívio social e da circulação em espaços como a escola (OLIVEIRA et al., 2020; LOADES et al., 2020).

No Brasil, esse cenário foi potencializado, devido ao aumento da desigualdade social dos últimos anos, o que vulnerabiliza ainda mais a população de baixa renda, incluindo adolescentes que, além de enfrentarem a ausência de seus espaços de referência e circulação cotidiana, assumiram papéis de suporte em casa para que os responsáveis pudessem seguir trabalhando e garantindo o sustento familiar. A esta situação, somou-se a intensificação das situações de violência por adolescentes no contexto familiar (CID et al., 2020; GASPARINI, 2022; SOUZA, 2022).

A recente Política Nacional de Atenção Psicossocial Infantojuvenil parte do pressuposto de que “não há produção de saúde sem a produção de saúde mental”, expandindo a perspectiva de tratar para “incluir ações como acolher, escutar, cuidar, possibilitar ações emancipatórias, enfrentar estigmas e determinismos e melhorar a qualidade de vida das pessoas” (BRASIL, 2014, p. 23-27) por meio de uma reorientação do modelo de assistência, considerando dispositivos de base comunitária e guiados pela lógica da operação em rede e do território (BRASIL, 2014; COUTO; DELGADO, 2015).

Nessa perspectiva, a mesma política considera o território como um espaço potente de produção de cuidado e vida, para além de uma área geográfica, um local em que é possível exercer papéis sociais, criar vínculos e pertencer (BRASIL, 2014; SANTOS, 1998). A intersectorialidade também é um dispositivo importante, pois envolve a articulação e comunicação de saberes e experiências entre diferentes áreas sociais, com o objetivo de construir uma intervenção compartilhada entre diversos atores envolvidos no cuidado, visando à superação de problemáticas complexas presentes no território. Conseqüentemente, o uso do território a partir de ações intersectoriais produz o aumento de contratualidade, estímulo à cidadania e autonomia dos sujeitos (TAÑO et al., 2021).

Diante disso, espaços como a escola se tornam fundamentais e potenciais para ações de promoção à saúde mental, visto que há uma longa permanência de adolescentes nesse ambiente, compondo, assim, parte de seu cotidiano (CID; GASPARINI, 2016).

Vale pontuar que, de acordo com Ristum (2023), o cotidiano escolar brasileiro é atravessado por uma série de violências – contra a escola, da escola e na escola –, pois as políticas educacionais não têm sido capazes de enfrentar os desafios da precarização do ensino, como o aumento no número de alunos, baixos salários e a desvalorização social, o que caracteriza uma violência contra a escola.

No entanto, é dentro desse contexto que existe a possibilidade de articulação entre os profissionais da saúde, professorado e estudantes para a construção de estratégias significativas, com o objetivo de reduzir o conflito presente no cotidiano escolar e promover saúde mental, reconhecendo e valorizando a palavra dos adolescentes (SOUZA et al., 2021; TEIXEIRA et al., 2021; WELLS; BARLOW; STEWART-BROWN, 2003).

Cid e Gasparini (2016), a partir de um estudo de revisão sobre ações de promoção à saúde mental infantojuvenil no contexto escolar, apontam para associações existentes entre a saúde mental dos adolescentes e o desempenho escolar. Os resultados encontrados relatam que os problemas emocionais e de comportamento de adolescentes é expresso predominantemente neste ambiente e estão relacionados com o baixo desempenho escolar, envolvendo fatores do contexto familiar, social, econômicos e culturais presentes no cotidiano desses jovens. Além disso, os achados indicaram que as ações relatadas nos artigos encontrados parecem pontuais e desarticuladas de outros equipamentos de atenção à saúde desse público, o que compromete a eficácia de um atendimento integrado. Além disso, essas ações não levam em consideração as realidades e demandas específicas das populações-alvo em seu planejamento, o que limita sua adequação e impacto.

Um recurso que pode ser potente para a promoção da saúde mental de adolescentes no ambiente escolar é a arte. As artes foram utilizadas nas primeiras tentativas de humanização dos atendimentos realizados nas sessões terapêuticas ocupacionais dos hospitais psiquiátricos por Nise da Silveira¹, possibilitando a reorganização psíquica e reinserção social dos sujeitos (SILVEIRA, 1981).

Sob a perspectiva na área da Terapia Ocupacional no conhecimento dos componentes das atividades artísticas enquanto um recurso potente, Castro e Silva (2002, p. 5) indicam que estas são “linguagens que permitem o compartilhar de experiências, o entendimento de concepções e mundos”, que auxiliam na compreensão de vivências e no enriquecimento da subjetividade. Por isso, podem ser importantes instrumentos de comunicação entre os sujeitos. Neste caminho, o cinema pode estar dentro dessa ação, pois “oferece as possibilidades de tentarmos ser outra(s) coisa(s), para além do que já somos, sem deixar de ser o que somos” (SKLIAR, 2016, p. 23).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art. 58, diz que “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura” (BRASIL, 1990). Nessa perspectiva, utilizar linguagens cinematográficas para promoção de debates em torno de temáticas do cotidiano escolar se torna uma ferramenta potente, que contribui para o desenvolvimento e ampliação das atividades culturais dos alunos. Assim, o Cine Debate torna-se uma ferramenta metodológica, visto que envolve a exibição de um filme seguido por uma discussão entre os participantes sobre os temas abordados, favorecendo a reflexão, estimulando o pensamento crítico e permitindo que os participantes compartilhem suas perspectivas e experiências (BERTI; CARVALHO, 2013).

1 Nise da Silveira (1905–1999) foi uma psiquiatra brasileira pioneira no uso da arte no tratamento de pessoas com transtornos mentais. Ela rejeitou métodos agressivos, como eletrochoques, e fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, valorizando a expressão artística como caminho para compreensão e recuperação. Sua abordagem humanista transformou a psiquiatria no Brasil (MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE, 2025).

Frente ao exposto, este estudo visa contribuir para a prática de promoção à saúde mental de adolescentes no ambiente escolar, explorando o cinema como facilitador de discussões, debates e conhecimento sobre saúde mental nas adolescências, além de potencializador da participação da população adolescente neste processo.

Com base no exposto, a presente pesquisa objetiva compreender e analisar, junto aos/às adolescentes de uma escola pública, os elementos relacionados à temática da saúde mental na adolescência, utilizando a estratégia do Cine Debate. Além disso, busca-se identificar as perspectivas dos alunos sobre essa estratégia como meio de promoção da saúde mental e de estímulo a debates sobre temas de interesse dessa população no contexto escolar.

Método

Esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. As pesquisas qualitativas se dedicam ao aprofundamento da realidade, das representações e opiniões de um determinado grupo; por sua vez, as investigações exploratórias procuram fornecer informações mais detalhadas sobre um fenômeno, buscando novos enfoques e os tornando mais explícitos (MINAYO, 2014; PRODANOV; FREITAS, 2013). A pesquisa também considerou, em seu percurso, a adoção de um método criativo, o Cine Debate, no sentido de favorecer e potencializar a participação dos sujeitos-alvo.

O uso de metodologias criativas é uma estratégia que visa acessar a realidade dos participantes de diferentes formas de comunicação, possibilitando um trabalho colaborativo com os mesmos e buscando o envolvimento ativo no processo de investigação, trazendo percepções para além dos discursos (GASPARINI, 2022; JOHANSSON; BRUNNBERG; ERIKSSON, 2007; LIEBENBERG, 2009; MANNAY, 2017; PARRILLA-LATAS et al., 2016; ROSSI et al., 2019).

O estudo abordou 16 adolescentes do sexto ao oitavo ano do ensino fundamental de uma escola pública de uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo. 12 se autodeclararam do gênero feminino e 4 do masculino. 9 adolescentes com 12 anos de idade, 4 com 11 anos e 3 com 13 anos. Como critérios de inclusão dos participantes, considerou-se a faixa etária definida pela Organização Mundial da Saúde (2022), entre 10 e 19 anos, além de estarem regularmente matriculados/as na escola.

Para o processo de produção de dados, considerou-se o Cine Debate, técnica que, segundo Berti e Carvalho (2013, p. 191) “busca promover encontro entre as pessoas e, ao mesmo tempo, aproximá-las das experiências que vivem e produzem em sociedade”. Ainda segundo as autoras, acontece por meio da apresentação de uma produção cinematográfica para um grupo de pessoas, seguida de uma roda de conversa para a discussão e depois de um processo de avaliação.

A equipe de pesquisa elaborou um roteiro para o debate após a exibição das obras cinematográficas, considerando os critérios utilizados para a seleção dos filmes, os elementos trazidos por eles e os objetivos do estudo. As questões abordadas para instigar a discussão foram: *o que acharam da obra cinematográfica?; o que chamou atenção nela?; conseguem identificar questões que foram abordadas e que se relacionam com a realidade de vocês e com a saúde mental?* Também foi utilizado um questionário, na plataforma Google Forms, com o objetivo de avaliar a estratégia do Cine Debate junto aos participantes.

Em relação aos procedimentos éticos, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, expresso pelo CAAE: 63436222.7.0000.5504, Parecer: 5.923.639. Aos participantes e aos seus responsáveis foram apresentados o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Assentimento.

Foi realizado o contato com a escola alvo para o desenvolvimento da pesquisa, solicitando a autorização prévia para a realização do estudo. A escolha da escola se deu por conveniência, considerando que na mesma já eram realizadas ações de um projeto de extensão universitária, que tinha como foco o desenvolvimento de ações de promoção à saúde mental de adolescentes no contexto escolar. Assim, estando as pesquisadoras já envolvidas nas atividades realizadas, os objetivos da presente pesquisa foram apresentados e a instituição se colocou disponível e interessada em contribuir para o desenvolvimento do estudo.

Após a autorização da gestão escolar, foram identificados os potenciais participantes, considerando e respeitando a dinâmica do contexto e suas possibilidades. Nesse processo, considerou-se a aproximação de um grupo de estudantes que já estava inserido nas atividades do projeto de extensão universitária.

As pesquisadoras do estudo se aproximaram do grupo, apresentaram-se e fizeram o convite aos/às adolescentes. A equipe de pesquisadoras selecionou algumas obras cinematográficas, considerando a classificação indicativa do Sistema Brasileiro com produções de classificação indicativa até 12 anos, sendo longas e curtas-metragens. Estes abordavam a temática da adolescência e de alguns elementos que podem estar relacionados à saúde mental, tais como relações interpessoais, expressão de emoções e comportamentos frente à situações da vida, contextos e expectativas socioculturais, experiências de situações de sofrimento psíquico, dentre outros. As sinopses foram apresentadas aos/às participantes para que escolhessem quais obras queriam assistir.

Foram realizados dois encontros. No primeiro, na biblioteca da escola, participaram 16 alunos/as. A equipe responsável pela pesquisa apresentou a proposta do encontro para os/as adolescentes participantes. Foram indicados três curtas-metragens: *Fitas* (2020); *LOU* (2017) e *Hair Love* (2019). Em seguida, por votação dos/as participantes, o curta selecionado foi “*Fitas*”. Este curta-metragem acompanha o processo de dois personagens, Rene e Marcus, que se relacionam com o mundo de formas diferentes. Rene, de 13 anos, é uma menina autista e não se comunica oralmente. Ela e Marcus, que não conhece a vivência não verbal, possuem uma paixão em comum: a canoagem. A produção cinematográfica teve duração de nove minutos. Na sequência, os pontos disparadores do roteiro para o debate foram apresentados para estímulo do debate, o qual se desenvolveu por aproximadamente 30 minutos.

No segundo encontro, também participaram 16 alunos/as e foi realizado num espaço fornecido por uma instituição parceira, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Foi considerada a estrutura física para a exibição da obra cinematográfica: uma sala ampla, com tela para a projeção. Novamente a proposta do encontro foi apresentada aos/às participantes e exibidos três *trailers* de longas metragens: *Enrolados* (2010); *Divertida Mente* (2015) e *Red: crescer é uma fera* (2022). Em seguida, após votação, o filme selecionado foi este último, com duração de 1 hora e 40 minutos. O longa-metragem conta a história da jovem Mei, que aos 13 anos enfrenta os desafios do adolescer, além de precisar lidar com o fato de se transformar em um panda-vermelho. Assim como no primeiro encontro, a produção cinematográfica foi assistida e, em seguida, debatida no mesmo

espaço por aproximadamente 30 minutos. O debate teve início a partir do roteiro disparado, seguido da apresentação de elementos pelos/as adolescentes de forma grupal, com o estímulo ao aprofundamento dessas questões pelas pesquisadoras.

Os debates foram iniciados pelos roteiros elaborados pela equipe de pesquisa para instigar o diálogo e permitir discussões por parte dos adolescentes. Além disso, ressalta-se que a duração dos debates foi limitada pela dinâmica escolar e dos/das participantes. Dessa maneira, para garantir a objetividade das falas construídas em grupo pelos/as adolescentes, os áudios dos dois debates foram gravados na íntegra. Essa abordagem permitiu a captura fiel das interações entre os/as adolescentes, preservando os argumentos e a construção das reflexões de maneira coletiva.

Após a realização dos encontros, os/as participantes foram convidados a responder o questionário elaborado pelas pesquisadoras para aprofundar suas percepções sobre o Cine Debate como uma estratégia possível para discutir a temática da saúde mental. Os/As adolescentes foram abordados individualmente e apresentados ao questionário, sob a forma de entrevista.

Os áudios das gravações dos debates e do processo avaliativo foram transcritos na íntegra. As transcrições foram analisadas utilizando a técnica de Análise Temática de Bardin (2016), que consiste na exploração dos significados e concepção de temáticas a partir de núcleos de sentidos que compõem os dados, por meio das seguintes etapas sistematizadas: pré-análise, em que é feita a organização das ideias iniciais e o planejamento da condução do estudo; exploração do material a partir dos objetivos da pesquisa e a escolha das possíveis temáticas; tratamento e interpretação dos resultados. O processo de análise foi realizado pelas pesquisadoras, que se debruçaram sobre os dados a partir da leitura cuidadosa do material produzido.

Ressalta-se que, no presente estudo, em que o Cine Debate foi utilizado como estratégia metodológica para a produção dos dados, os debates foram gravados e transcritos com o intuito de capturar os conteúdos das reflexões coletivas, considerando que as contribuições dos/das participantes emergiram de forma colaborativa e integrada. Dessa forma, optou-se por não identificar individualmente as falas nas transcrições, resguardando não apenas o anonimato dos/das participantes, mas também garantindo a representatividade do discurso coletivo, com foco no conteúdo e no contexto das discussões.

Resultados

A partir da análise de dados foi possível identificar três temáticas centrais debatidas durante a atividade e abordadas nas respostas dos questionários apresentados a seguir: Perspectivas sobre relacionamentos: impasses, desafios e importância; Sentir-se na adolescência; O Cine Debate: uma estratégia possível?

Perspectivas sobre relacionamentos: impasses, desafios e importância

Os/as adolescentes abordaram o tema relacionamento sob algumas perspectivas: os desafios no processo de se relacionar com outras pessoas; o relacionamento com pessoas “novas” e a forma de se relacionar com pessoas que apresentam alguma demanda específica.

Os/as adolescentes participantes falaram sobre a dificuldade em conseguir se comunicar e o desejo de “agradar o outro” para manter o vínculo afetivo, além de não se sentirem ouvidos e acolhidos, ocasionando a perda da confiança e o medo de se relacionarem de novo. Os trechos advindos da transcrição dos debates exemplificam este ponto:

Tipo, às vezes as pessoas fazem muitas coisas para impressionar os pais, mas não fazem o que gostam. Não só agradar os pais, todo mundo, amigos [...].

É um pouco difícil, porque eu não consigo me comunicar direito, então eu fico confuso, parece que o que eu só faço é afastar.

Eu fico com medo de me aproximar da pessoa, criar intimidade, e depois a pessoa falar tudo que eu me abri com ela para outra pessoa.

Além disso, os/as participantes contaram sobre como é conhecer e se relacionar com pessoas novas, apresentando alguns detalhes na aproximação de sujeitos que não conheciam antes. Para isso, indicaram que é necessário praticar o respeito, não se colocar num lugar de pré-julgamento e estar aberto para entender o outro:

No início a gente tem chance de estranhar, mas depois a gente passa a achar legal, ou seja, nunca julgue um livro pela capa.

Às vezes uma coisa que eu gosto, pode ser engraçado para uma pessoa, mas para mim não é.

Somado a estes fatores, eles/elas indicaram que para acolherem e criarem esse vínculo com estas novas pessoas, também precisam ser ouvidos:

Primeiro a gente tem que se sentir acolhido, para poder acolher.

Porque poucas pessoas conhecem uma pessoa de verdade. Tipo, uma pessoa pode tá expressando algo naquele momento, mas no fundo do coração dela ela pode tá sentindo algo diferente. Mas as amigas dela aceitaram ela [...].

Na análise dos resultados, outro ponto destacado foi estar com pessoas que apresentam algum tipo de deficiência. Foi relatado os caminhos possíveis na aproximação e acolhimento dessas pessoas, a curiosidade para entender o “diferente”, o receio pelo julgamento antes de conhecer e a vontade de saber como acolher. O acolhimento, segundo os/as participantes, é quando se está próximo de pessoas que se conhece de verdade, ou seja, pessoas que sabem o que se você gosta de fazer e que te aceitam do jeito que é, gerando a sensação de pertencimento, escuta e amorosidade. A seguir, alguns trechos dos debates ilustrativos dessa questão:

Tem vezes que vamos receber pessoas com condições especiais na escola, temos que aprender a se comunicar com essa pessoa.

Tentaria ajudar ela [...]. Dar água para ela, acalmar, passar uma água no rosto. [...] tentaria fazer algo para mudar o foco, para ver se melhora a situação. Colocar uma música?

Eu achei engraçado no começo do filme, não sabia que ela tinha um problema, ela ficava imitando a música. [...] eu percebi, porque lembrei de uma parente que é muito igual [...].

Sentir-se na adolescência

Outra temática abordada foi a própria adolescência, com depoimentos sobre como é ser adolescente e suas dificuldades: sentir-se acolhido, pertencente e reconhecido, além das potencialidades de “amadurecer”, ganhar mais autonomia e assumir responsabilidades.

De acordo com os/as estudantes, o processo de adolecer consiste em ter maior autonomia e poder fazer escolhas por si mesmo. Ou seja, é uma jornada de autodescoberta, de reconhecimento da individualidade, de gostos e sonhos, além de conseguir lidar com alguns problemas:

[ser adolescente é] Quando eu tive que lidar com alguns problemas sozinha, por exemplo: essas questões de amizade, ou quando eu passo por algum momento que nem sei o porquê estou chorando, acontece que ninguém está lá para ajudar em nada. Então foi aí que percebi que eu tinha que lidar com aquela situação.

[ser adolescente é] Quando eu comecei a sentir coisas que eu não sentia quando eu era tão imatura, e hoje posso dizer que não sou a pessoa mais madura do mundo, mas não é por isso que eu não deixo de sentir coisas que eu não sentia antes.

[ser adolescente é] Quando eu percebi que nem todas as coisas eu preciso de amigo/amiga, algumas vezes tenho que resolver sozinha e guardar pra mim.

Entre as dificuldades de ser adolescente, a sensação de não serem escutados/as e acolhidos/as surgiu como uma experiência comum, especialmente no ambiente familiar, conforme apontado em alguns relatos:

Às vezes a mãe não acolhe a filha por ela não se abrir, ela consegue se abrir só com os amigos.

Ela começou a se afastar da mãe dela, porque ela não tava se sentindo acolhida com a mãe dela, só por parte dos amigos.

Os/as estudantes também relataram que, em muitos momentos, os responsáveis os impedem de experimentar novas situações, por proteção ou comparando com vivências anteriores de outros filhos, e isso faz com que eles não aprendam a lidar com seus problemas por si próprios. Além disso, rompe o vínculo desse responsável com o/a adolescente, devido à falta de confiança, conforme trazem as falas a seguir:

Os pais começam a prender mais a gente, sabemos que nossa relação com os pais é importante, mas nessa fase queremos crescer, aprender novas perspectivas, e acontece que ali quando estamos bem engajados naquele espaço e no local, eles pensam que já estamos familiarizados com aquilo, então quando a gente começa a descobrir novas coisas, eles pensam que estamos fazendo ou algo de errado ou que estamos fazendo algo sem a permissão deles.

Também acontece muito isso com o irmão mais novo [...] o que minha irmã fez no passado, eu não posso fazer, porque ela se deu mal, e eu carreguei a culpa por ela não ter tido um caminho bom na vida.

O Cine Debate: uma estratégia possível?

Por meio do Cine Debate, foi possível analisar e explorar a saúde mental dos/as adolescentes. Todas as respostas aos questionários foram contempladas. Os/As participantes indicaram o Cine Debate como uma atividade potente, principalmente quando as produções apresentam relações que fazem parte de suas vivências e contextos, tornando-o ainda mais atrativo e interessante:

Eu acho legal que eles mostram a fase que a gente está vivendo agora, que a gente tá crescendo e vivendo uma nova perspectiva.

O filme retrata as nossas escolhas, se a gente não tomar uma decisão nesse momento, pode mudar.

Prestei atenção porque o filme chamava a atenção, apresentava uma temática que dava pra tirar um aprendizado.

A importância do espaço personalizado também foi fundamental para os/as participantes. A escolha de um local silencioso, que não interfira na concentração e no debate, é sempre o melhor. Além disso, o espaço precisa ser confortável, ter boas cadeiras e boa ventilação. Neste sentido, os/as participantes indicaram que o debate foi melhor no espaço fora da escola, pois era mais confortável, silencioso, apropriado para a exibição do filme e com um lugar suficiente para receber os/as adolescentes. Já a escola não tinha um local específico para a atividade, sendo que a exibição do filme e o debate foram realizados na biblioteca de forma adaptada, o que gerou alguns problemas, como conter a iluminação externa, não fazer uma “roda de conversa” pela limitação do espaço e barulhos externos. Os trechos a seguir exemplificam essa questão:

[...] Não estamos na escola [...] um lugar diferente, novo, não tem gritaria.

[...] Estamos em roda [...] o espaço da atividade era bacana, um lugar mais espaçoso, quieto, organizado.

[...] Aqui é mais calmo [...] não tem barulho, é mais legal.

[...] Não tá abafado.

[sobre o contexto] Eu consegui prestar atenção porque teve bastante silêncio e eu gosto de lugares silenciosos porque eu fico bem à vontade.

[sobre a escola] Na sala não teria como passar por causa do barulho.

Os/As adolescentes apontaram ter aproveitado mais o longa-metragem, em comparação com o curta, indicando que o primeiro tinha mais elementos para o debate. Também apontaram que assistir uma produção audiovisual ajudou no processo de debate, entendendo mais sobre o assunto, produzindo acesso a outras perspectivas e

olhares para discussão e argumentação. Também indicaram que o momento do debate proporcionou a possibilidade de expressar suas opiniões de forma livre e criativa. Além disso, uma oportunidade de aprendizado sobre como se relacionar de forma respeitosa com outras pessoas do grupo. Os trechos a seguir exemplificam:

[...] Um filme a gente vê completo, o curta não gostamos muito, porque não foi tão detalhado.

[...] O filme é mais legal, porque assistiram mais detalhes.

[...] Ajuda a entender mais o assunto (o filme), a ter mais argumentos.

Discussão

O Cine Debate se mostrou uma estratégia potente para a criação de espaços de diálogo com adolescentes sobre temas pertinentes a eles. Os dados obtidos no estudo aqui relatado demonstraram que, embora a proposta central fosse debater a saúde mental com os/as participantes, isso não ocorreu especificamente. No entanto, foi possível dialogar sobre o processo do adolescer, sobre o papel dos relacionamentos interpessoais, mais particularmente no que se refere a ouvir e ser ouvido, acolher e ser acolhido. A oportunidade de vivenciar este espaço, por meio do Cine Debate, foi promotora de saúde mental, na perspectiva dos/as próprios/as participantes.

A utilização da estratégia do Cine Debate, enquanto dispositivo criativo e artístico foi determinante para essa mudança de percurso no desenvolvimento do estudo. Como já abordado na justificativa da pesquisa, o uso dessas estratégias pode ser um caminho mais efetivo de favorecer a participação de adolescentes na pesquisa, considerando outras vias para a expressão de suas perspectivas (GASPARINI, 2022).

Desta forma, pode-se considerar que o uso de metodologias criativas tem um diálogo possível com o uso das atividades pela terapia ocupacional. Cardinali (2022), ao abordar a atividade na ótica da profissão, indica que seu uso pode envolver a experimentação e a apreciação. Para a autora, o processo de experimentação envolve acolher o inesperado e o desconhecido, aceitando os riscos e a incerteza quanto aos resultados. Já a apreciação está relacionada à percepção atenta e sensível das presenças e relações com o mundo, permitindo-se ser afetado, vivenciar acontecimentos e reconhecer a produção de beleza e sensibilidades.

Durante a pesquisa, foi possível observar estes fenômenos, quando os/as participantes afirmaram que a possibilidade de vivenciar o Cine Debate, com a utilização de obras cinematográficas que dialogavam diretamente com suas experiências, possibilitou o acesso a outras perspectivas, junto com a possibilidade de expressar suas percepções de forma livre e criativa.

Conforme indicam Castro, Lima e Brunello (2001, p. 50), a realização de atividades possibilita aos sujeitos “reunir fragmentos de suas experiências e transformá-los em novos elementos, ampliando sua vida prática e concreta, complementando-a com conteúdos pessoais”. Dessa forma, o uso das mesmas no processo de pesquisa pode ser uma estratégia arriscada, mas potente.

Souza (2022), discutindo o fazer da terapia ocupacional na prática de pesquisa, indica que essa impressão de “falta de controle” nas pesquisas qualitativas são questões completamente combatentes aos protocolos baseados em paradigmas positivistas. Assim como na prática da terapia ocupacional, que não utiliza diagnósticos para definir os sujeitos, a pesquisa revelou a necessidade de lidar com as possibilidades do imprevisível e com a vida real dos sujeitos.

É importante destacar que a realização do Cine Debate, por si só, não garante essas situações. Elas ocorrem quando a abordagem considera os fenômenos provocados nos/as participantes, tanto no planejamento quanto na execução, além de levar em conta o contexto e a realidade social em que estão inseridos. Nesse sentido, a atividade pode ser entendida como um elemento mediador entre o indivíduo e a sociedade, pois é por meio dela que o encontro e o diálogo se tornam possíveis (CARDINALLI; CASTRO, 2019; CASTRO et al., 2004).

O contexto para a realização da atividade também foi indicado pelos/as adolescentes participantes como fundamental no processo de realização das atividades do Cine Debate. Como foi possível realizar um encontro na escola e outro num espaço fora deste contexto, eles indicaram o quanto o ambiente escolar não está preparado para a exibição de obras cinematográficas e debate.

Assim, pontua-se que promover e debater saúde mental com adolescentes passa também pelo ambiente. De acordo com a Política Nacional de Humanização (PNH), que trata das ações e instâncias no Sistema Único de Saúde (SUS), a Ambiência é uma articulação não apenas do espaço físico e estruturado, mas também do espaço social e de relações, a qual deve proporcionar um ambiente confortável, que promova liberdade, autonomia e participação, investindo na produção de subjetividade. Ela se relaciona com a perspectiva da produção de saúde, pois possibilita a promoção da comunicação a partir da organização do espaço e das trocas sociais (WILLRICH et al., 2013).

“Emprestando” o dispositivo da ambiência trabalhado no campo da saúde, os resultados desta pesquisa apontam que para promover um ambiente escolar convidativo para a realização da atividade é fundamental um espaço mais silencioso, confortável e apropriado para que não ocorram problemas que atrapalhem o engajamento dos/as participantes na atividade. Concomitantemente, estudos com crianças e adolescentes no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) também revelam que investir em espaços de cuidado e promotores de saúde é um caminho potente para que a população seja reconhecida, promovendo autonomia e participação social (DIMOV; LAZZAROTTO, 2021).

Ao utilizar o Cine Debate como um recurso, foi oferecida aos/às estudantes a possibilidade de criação e expressão das suas subjetividades. Diante disso, foi possível identificar que a estratégia promoveu processos transformadores, pois os/as participantes indicaram que a experiência fez parte de um processo de aprendizagem, no qual puderam expressar suas percepções e necessidades em relação ao contexto escolar. Por isso, os resultados desta investigação também apontam para a importância do investimento em melhores espaços de ambiência, não apenas nos serviços de saúde, mas também dentro da escola. A garantia de espaços acolhedores, de escuta confortável e acesso à arte e cultura pode ser uma estratégia potencializadora para expressão da diversidade e das necessidades, considerando cada sujeito e produzindo, assim, saúde mental (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022).

Seguindo a discussão dos resultados, também foi possível verificar que os/as participantes afirmaram, de forma contundente, a influência das relações sociais no processo de adolescer. Essa influência se manifesta tanto no processo de se relacionar com outros/as adolescentes, quanto com adultos, revelando os desafios e entraves desta situação. Também indicaram que para essas relações são necessários o pertencimento e o acolhimento.

É notável a importância do apoio social na adolescência, já que é possível verificar que as amizades têm influência significativa no autoconceito de adolescentes, possibilitando a exploração do meio social, o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e de raciocínio moral, além do fortalecimento da autoeficácia e a capacidade de efetuar projeções para o futuro. Estas relações são vivenciadas com intensidade no contexto escolar (CARVALHO et al., 2017).

Outra investigação também aponta que adolescentes demonstram que pertencer ao grupo de amigos, à sala de aula e à escola constitui uma referência, onde é possível encontrar apoio, construir relações de confiança, respeito e compreensão, além de compartilhar desafios. Sentir-se parte desses contextos pode influenciar a motivação, a sensação de bem-estar e até mesmo o desempenho acadêmico (LONGARETTI, 2020).

Os achados desta pesquisa também permitiram identificar a percepção dos/as adolescentes sobre esse momento de suas vidas. Os/As participantes indicaram o adolescer como um momento em que o sujeito alcança maiores níveis de autonomia. Apontaram que isso ocorre por meio do autoconhecimento, compreensão de sua individualidade e na identificação dos próprios gostos e desejos. No entanto, muitas vezes se sentem sozinhos para lidar com essa transformação.

Papalia, Olds e Feldman (2006) indicam como características da adolescência, o desenvolvimento de autonomia, autoestima e intimidade, questões abordadas pelos/as participantes da pesquisa. Eles apontaram que o alcance da autonomia e o processo de autodescoberta estão relacionados à capacidade de lidar com problemas sozinhos, além de questões que os ajudaram a perceber sua transformação em adolescentes. Correlacionando com esses achados, segundo os autores, pode-se verificar o estágio das Operações Formais de Piaget, que ocorre a partir dos 11 anos, quando os sujeitos desenvolvem a capacidade de pensamento abstrato, o que lhes permite produzir o raciocínio hipotético-dedutivo, criar hipóteses e experimentos para testá-las, trazendo elementos para a resolução de problemas.

Araújo et al. (2011) realizaram um estudo qualitativo e exploratório com adolescentes entre 12 a 18 anos, a fim de compreender o processo de adolescer na percepção deles a partir de entrevistas semiestruturadas. Um dos resultados indicou a adolescência como uma etapa de transformação que favorece na produção de autonomia e responsabilidade – similar com os resultados apresentados neste estudo. Nesse processo, os/as adolescentes experimentam os limites entre enfrentar desafios sozinhos e continuar dependentes da família até se sentirem preparados. Outro apontamento do estudo é sobre estabelecer limites para auxiliar nesse momento, pois os/as adolescentes ainda não se sentem maduros/as o suficiente para tomarem decisões. Todavia, como bem pontuam os autores em questão, esses limites devem fazer parte de um consenso e terem motivos, propiciando questionamentos e amadurecimento por meio das negociações com os familiares.

Esses achados, assim como os resultados da presente investigação, indicaram que, mesmo sendo possível encontrar semelhanças, cada processo de adolecer é único e construído pelo sujeito, pelo momento histórico e sociocultural do qual faz parte. Por isso, autores têm reafirmado a importância de considerar a adolescência, ampliando as lógicas desenvolvimentistas e a ideia de uma adolescência universal, convocando uma multiplicidade de referenciais (CASTRO, 2021; SILVA et al. 2014).

A população adolescente enfrenta o desafio de ter suas necessidades consideradas, como também apontaram os resultados desta investigação, em que os/as participantes indicaram que não se sentem acolhidos/as e escutados/as, processo que ocorre nos relacionamentos com outros pares, mas principalmente pelos familiares. Os/As adolescentes apontaram sofrer com a falta de confiança por parte dos adultos e professores. Isso faz com que se sintam desvalorizados/as e desacreditados/as, o que pode diminuir a participação.

Essa dificuldade em participar também é visível nas ações de cuidado em saúde mental, onde autores apontam sobre a necessidade de avançar nas práticas que consigam contemplar as singularidades dos/as adolescentes e dos contextos dos quais eles/elas fazem parte (LUZ et al., 2018; ROSSI et al., 2019; SILVA; RODRIGUES; GOMES, 2015).

Dessa forma, é preciso avançar no desenvolvimento de práticas que garantam espaços de acolhimento, permitindo que os/as adolescentes expressem suas perspectivas. Assim como as percepções de adultos – pais, responsáveis, professores, entre outros – sobre a adolescência são levadas em consideração, os/as próprios/as adolescentes, que estão vivenciando esse momento da vida, devem encontrar espaços de diálogo para expressar suas necessidades, experiências e percepções.

Considerações finais

Retomando os objetivos da presente investigação, foi possível verificar que, ainda que não de forma direta, os/as adolescentes abordaram aspectos relacionados à saúde mental, tais como os relacionamentos interpessoais e a vivência do adolecer. Ainda foi possível analisar o Cine Debate como uma estratégia possível para abordar a temática junto dessa população.

Os relacionamentos foram discutidos a partir dos desafios de se comunicar com o outro, especialmente quando este apresenta alguma deficiência ou transtorno específico. Foi indicada a importância do sentir-se acolhido e com sentimento de pertencimento nestas situações.

A vivência da adolescência foi apontada como um momento de construção de maior autonomia, responsabilidade e autodescoberta, sendo necessário o distanciamento das influências de seus responsáveis, como na dinâmica de ter que lidar com questões sozinhos.

O Cine Debate demonstrou-se como uma estratégia possível para abordar a temática junto dessa população e ampliar sua participação e aprofundamento de suas reflexões. A realização desta atividade também revelou alguns desafios do contexto escolar, relacionados à sua estrutura e organização: falta de espaços e materiais para a sua realização, o que na percepção dos/as adolescentes faz diferença na sua efetivação.

Destaca-se que o trabalho apresentou limitações, como o acesso a participantes com um perfil adequado, de um contexto específico e com atravessamentos da dinâmica escolar. Mesmo assim, a pesquisa conseguiu identificar percepções dos/as adolescentes que podem contribuir na construção de diálogo sobre a temática da saúde mental dentro da escola, bem como ações de promoção neste contexto.

Além disso, poucos estudos foram encontrados em relação às percepções de adolescentes sobre essa fase de vida. Assim, os resultados da presente investigação reforçam a importância de novos estudos que considerem o protagonismo desses sujeitos, bem como a necessidade de explorar mais ferramentas, como o Cine Debate, por exemplo, na promoção da saúde mental da população adolescente.

Por fim, acredita-se que este trabalho tenha contribuído para o desenvolvimento de ações voltadas à promoção da saúde mental de adolescentes, colocando suas perspectivas como foco central e incentivando a elaboração de práticas mais participativas no contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A. C. et al. Transição da Adolescência para a Fase Adulta na Ótica de Adolescentes. **Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, abr./jun. 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BERTI, A.; CARVALHO, R. M. O Cine Debate promovendo encontros do cinema com a escola. **Pro-Posições**, v. 24, n. 3, p. 183-199, set./dez. 2013.
- BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.
- _____. Ministério da Saúde. **Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_sus.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- CARDINALLI, I.; CASTRO, E. D. Trajetórias inventivas e produção de conhecimento: terapeutas ocupacionais e suas relações com arte, corpo e cultura. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 584-601, 2019.
- CARDINALLI, I. **Ninho de nós: sentidos da atividade humana em terapia ocupacional**. 2022. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.
- CARVALHO, R. G. et al. Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 34, n. 3, p. 379-388, 2017.
- CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. **Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexus, 2001. p. 41-62.
- CASTRO, E. D.; SILVA, D. de M. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 1-8, 2002.
- CASTRO, E. D. et al. **Análise de Atividades: apontamentos para uma reflexão atual**. Terapia ocupacional: reabilitação física e contextos hospitalares. São Paulo: Roca, 2004.
- CASTRO, L. R. de. Os universalismos no estudo da Infância – a criança em desenvolvimento e a criança global. In: CASTRO, L. R. de. **Infâncias do sul global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 41-60.
- CID, M. F. B.; GASPARINI, D. A. Ações de promoção à saúde mental infanto-juvenil no contexto escolar: um estudo de revisão. **Revista FSA**, Teresina, v. 13, n. 1, p. 97-114, 2016.
- CID, M. F. B. et al. Atención psicosocial y pandemia de covid-19: reflexiones sobre la atención a infancia y adolescencia que vive en contextos socialmente vulnerables. **Multidisciplinary Journal of Educational Research**, v. 10, p. 178-201, 2020.
- COUTO, M. C. V.; DELGADO, P. G. G. Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 17-40, 2015.
- DIMOV, T.; LAZZAROTTO, P. A Função Terapêutica do Conviver e do Brincar: o dispositivo da ambiência nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis. In: FERNANDES, A. D. S. A. et al. **Saúde Mental de crianças e adolescentes e atenção psicossocial**. Santana de Parnaíba: Manole, 2021. p. 141-154.

- DIVERTIDA Mente. Direção: Pete Docter. Estados Unidos: Pixar e Walt Disney Pictures, 2015. Disponível em: Disney+. Acesso em: 26 mai. 2023.
- ENROLADOS. Direção: Nathan Greno, Byron Howard. Estados Unidos: Walt Disney Animation studios e Walt Disney Pictures, 2011. Disponível em: Disney+. Acesso em: 26 mai. 2023.
- FITAS. Direção: Erica Milsom. Roteiro: Erica Milsom. Estados Unidos: Pixar, 2020. Disponível em: Disney+. Acesso em: 28 abr. 2023.
- GASPARINI, D. A. **Saúde mental e sofrimento psíquico na perspectiva de adolescentes**. 2022. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.
- HAIR Love. Direção: Matthew A. Cherry, Bruce W. Smith. Produção: Matthew A. Cherry, Karen Rupert Toliver, Monica A. Young. Estados Unidos: Sony Pictures Releasing, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/kNw8V_Fkw28>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- JOHANSSON, A.; BRUNNBERG, E.; ERIKSSON, C. Adolescent girls' and boys' perceptions of mental health. **Journal of Youth studies**, S. l., v. 10, n. 2, p. 183-202, 2007.
- LIEBENBERG, L. The visual image as discussion point: increasing validity in boundary crossing reserach. **Qualitative Research**, S. l., v. 9, n. 4, p. 441-467, 2009.
- LOADES, M. E. et al. Rapid systematic review: the impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of COVID-19. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 59, n. 11, p. 1218-1239, 2020.
- LONGARETTI, L. Perpeptions and experiences of belonging during the transition from primary to secondary scholl. **Australian Journal of Teacher Education**, S. l., v. 45, n. 1, p. 31-46, 2020.
- LOU. Direção: Dave Mullins. Estados Unidos: Pixar e Walt Disney Pictures, 2017. Disponível em: Disney+. Acesso em: 28 abr. 2023.
- LUZ, R. T. et al. Saúde mental como dimensão para o cuidado de adolescentes. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, supl. 5, p. 2087-2093, 2018. Disponível em: <www.scielo.br/jj/reben/a/pgn24JfFmLmtbLvHVzWGCN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- MANNAY, D. Cartografiar imágenes – representar gráficamente lo visual y lo creative en la investigación en Ciencias Sociales. In: MANNAY, D. **Métodos visuales, narrativos y creativos en investigación cualitativa**. Madrid: Narcea Ediciones, 2017. p. 19-35.
- MARRIEL, N. S. M.; NJAINE, K.; ASSIS, S. G. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: ASSIS, S. G. et al. **Impactos da violência na escola: Um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP, 2023. p. 43-70.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MOREIRA, J. O.; ROSÁRIO, A. B.; SANTOS, A. P. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 4, p. 457-464, out./dez. 2011.
- MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE**. Nise da Silveira. Disponível em: <<https://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/nise-da-silveira>>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- OLIVEIRA, W. A. et al. A saúde do adolescente em tempos da covid-19: soping review. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n. 8, e00150020, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/HFr6JFJ7SqTLk8KLBPgTQZP/>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha Informativa – Saúde Mental dos adolescentes**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839>. Acesso em: 28 abr. 2023.

_____. **Transformar cada escola em uma escola promotora de saúde**: Padrões e indicadores globais. Washington, D.C.: Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.37774/9789275725122>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PARRILLA-LATTAS, A.; RAPOSO-RIVAS, M.; MARTINES-FIGUEIRA, M. E. Processos de movilización y comunicación del conocimiento em la investigación participativa. **Opción**, S. l., v. 32, n. 21, p. 2066-2087, 2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RED: Crescer é uma Fera. Direção: Domee Shi. Estados Unidos: Pixar e Walt Disney Pictures, 2022. Disponível em: Disney+. Acesso em: 26 mai. 2023.

RISTUM, M. Violência na escola, da escola e contra a escola. In: ASSIS, S. G. et al. **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP, 2023. p. 43-70. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9786557082126>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ROSSI, L. M. et al. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 1-12, 2019.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

SILVA, A. G.; RODRIGUES, T. C. L.; GOMES, K. V. Adolescência, Vulnerabilidade e Uso Abusivo de Drogas: a redução de dados como estratégia de prevenção. **Psicologia Política**, v. 15, n. 33, p. 335-354, 2015.

SILVA, M. A. I. et al. Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 19, n. 2, p. 619-627, 2014.

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SOUZA, T. T. et al. Em Saúde Mental De Adolescentes Em Países Da América Latina: Uma Revisão Integrativa Da Literatura. **Ciênc. Saúde Coletiva**, S. l., v. 26, n. 07, p. 2575- 2586, 2021.

_____. **Arte, cultura e saúde mental**: histórias de adolescentes vinculados a projetos artístico-culturais. 2022. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

SKLIAR, C. A materialidade da morte e o eufemismo da tolerância: duas faces, dentre as milhões de faces, desse monstro (humano) chamado racismo. **Revista Práxis**, v. 1, p. 15-26, 2016.

TAÑO, B. L. et al. Atenção Psicossocial e Intersetorialidade: entre o lugar do saber e o saber do lugar. In: FERNANDES, A. D. S. A. et al. **Saúde Mental de crianças e adolescentes e atenção psicossocial**. Santana de Parnaíba: Manole, 2021. p. 2-20.

TEIXEIRA, M. R. et al. Atenção Psicossocial e Promoção de Saúde Mental nas Escolas. In: FERNANDES, A. D. S. A. et al. **Saúde mental de crianças e adolescentes e atenção psicossocial**. Santana de Parnaíba: Manole, 2021. p. 35-47.

WELLS, J.; BARLOW, J.; STEWART-BROWN, S. A systematic review of universal approaches to mental health promotion in schools. **Health Education**, v. 103, n. 4, p. 197-220, 2003.

WILLRICH, J. Q. et al. Ambiência de um centro de atenção psicossocial: fator estruturante do processo terapêutico. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 3, n. 2, p. 248-258, 2013.

Resumo Estudos sobre a promoção da saúde mental de adolescentes no contexto escolar são escassos, especialmente quando se considera a participação ativa dessa população. Esta pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender e analisar, em parceria com adolescentes de uma escola pública, aspectos relacionados à saúde mental por meio da metodologia do Cine Debate. Foram realizados dois encontros com exibição de filmes seguidos de debates, os quais foram transcritos e considerados pela Análise Temática de Bardin. A partir dos resultados, observou-se que os/as participantes apresentaram suas perspectivas sobre relacionamentos interpessoais, salientando dificuldades e facilidades, bem como características da vivência do adolescer. Além disso, avaliaram positivamente a estratégia do Cine Debate. O estudo contribuiu para a apresentação das perspectivas dos/as adolescentes sobre esse momento de vida, o apoio social e as formas possíveis de realizar atividades de debate sobre a temática da saúde mental no contexto escolar.

Palavras-chave: saúde mental, adolescência, cinema, metodologias criativas.

Adolescencias y salud mental: un diálogo a partir de la estrategia del cine debate

Resumen Los estudios sobre la promoción de la salud mental de los adolescentes en el contexto escolar son escasos, especialmente considerando la participación activa de esta población. Esta investigación tiene como objetivo comprender y analizar, con adolescentes de una escuela pública, elementos relacionados con la salud mental en la adolescencia a través del Cine Debate. Se realizó una investigación cualitativa, utilizando la estrategia Cine Debate. Se realizaron dos encuentros con proyecciones de películas seguidas de debates, que fueron transcritos y analizados mediante el Análisis Temático de Bardin. De los resultados, se observó que los participantes presentaron sus perspectivas relacionadas con las relaciones interpersonales (dificultades y facilidades) y las características de la experiencia adolescente, además de evaluar positivamente la estrategia Cine Debate. El estudio contribuye a presentar las perspectivas de los adolescentes sobre este momento de la vida, sobre el apoyo social y sobre posibles formas de realización de una actividad de debate basada en el tema de la salud mental en el contexto escolar.

Palabras clave: salud mental, adolescencia, películas, metodologías creativas.

Adolescences and mental health: a dialogue from the cine-debate strategy

Abstract Studies on promoting the mental health of adolescents in the school context are scarce, especially considering the active participation of this population. This research aims to understand and analyze, with teenagers from a public school, elements related to mental health in adolescence through Cine Debate. Qualitative research was carried out, using the Cine Debate strategy. Two meetings were held with film screenings followed by debates, which were transcribed and analyzed using Bardin's Thematic Analysis. From the results, it was observed that the participants presented their perspectives related to interpersonal relationships (difficulties and eases) and the characteristics of the teenage experience, in addition to positively evaluating the Cine Debate strategy. The study contributes to presenting adolescents' perspectives on this moment in life, on social support and on possible ways of carrying out a debate activity based on the theme of mental health in the school context.

Keywords: mental health, adolescence, cinema, creative methodologies.

DATA DE RECEBIMENTO: 02/05/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 17/08/2024



Rafaela Mancini Fabi

Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. Experiência em pesquisas sobre saúde mental, adolescências e escola.

E-mail: rafafaabii@gmail.com



Danieli Amanda Gasparini

Terapeuta Ocupacional. Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. Experiência na compreensão e promoção da saúde mental de adolescentes.

E-mail: danigasparini@gmail.com



Maria Fernanda Barboza Cid

Professora do departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. Experiência no campo da atenção psicossocial de crianças e adolescentes.

E-mail: mariafernanda@ufscar.br